



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

YNGRID LOHANNE FERREIRA MOREIRA

**O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS
DISCENTES: ESTUDO NOS CURSOS DE HISTÓRIA, JORNALISMO E
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

FORTALEZA

2019

YNGRID LOHANNE FERREIRA MOREIRA

O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS DISCENTES:
ESTUDO NOS CURSOS DE HISTÓRIA, JORNALISMO E PEDAGOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M839p MOREIRA, Yngrid Lohanne Ferreira.

O papel do bibliotecário no processo de formação dos discentes: estudo nos cursos de História, Jornalismo e Pedagogia da Universidade Federal do Ceará / Yngrid Lohanne Ferreira Moreira. - 2019.

50 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof^a. Ma. Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso.

1. Bibliotecário. 2. Estudo de usuário. 3. Disseminação da informação. 4. Comunidade universitária. 5. Sociedade da Informação. I. Título.

CDD 020

YNGRID LOHANNE FERREIRA MOREIRA

O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS DISCENTES:
ESTUDO NOS CURSOS DE HISTÓRIA, JORNALISMO E PEDAGOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal do
Ceará, como requisito à obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso. (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ma. Odete Mayra Mesquita Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Maria Giovana Guedes Farias
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

A Deus.

A minha mãe, irmãos e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por dar-me força e sabedoria para superar os obstáculos da vida, principalmente os impostos pelo homem. Somente eu sei o quanto foi árduo o caminho para chegar até aqui.

A minha mãe Regina Maria, por ser uma mulher batalhadora, guerreira e, principalmente, por sempre acreditar em mim. Nada do que conquisei seria possível sem a sua ajuda. Serei eternamente grata por seus conselhos, auxílio e por me inspirar a ser uma pessoa melhor.

Aos meus irmãos por me aconselharem e confiarem em mim. Por serem meus companheiros e por me aguentarem. Saber que posso contar com o apoio de vocês me fortalece para continuar em busca de novas conquistas.

A minha orientadora Prof^a. Ma. Cyntia Chaves, pelo ensinamento e compreensão. As professoras Ma. Mayra Mesquita e Dra. Giovana Guedes por aceitarem participar da banca examinadora e contribuírem com a conclusão do presente trabalho.

Aos meus amigos de curso, principalmente a Hanna Sandy, Helena Oliveira e Anizia Almeida por me incentivarem, me aconselharem e me ajudarem durante a graduação, sobretudo com a monografia. Levarei vocês no coração pelo resto da vida, assim como meus queridos amigos Jonnathan Veras e Ivoausti Roberto, pois com vocês a graduação foi mais leve e divertida. Sem a ajuda de todos vocês eu não teria conseguido, então, muito obrigada! Sinto-me abençoada e agradecida pela oportunidade de tê-los conhecido.

À bibliotecária Maria Mazarelo, por ajudar-me a pôr em prática as atividades exercidas pelo bibliotecário e, principalmente, por me apoiar, aconselhar e ajudar nos momentos mais difíceis que eu passei durante a graduação. Sem sua ajuda eu teria fraquejado, mais do que fraquejei. Serei eternamente grata por tudo que fizeste por mim.

Por fim, agradeço também aos participantes da minha pesquisa, pela gentileza de responder meu questionário.

“Usar informação é trabalhar com a matéria
informação para obter um efeito que satisfaça
a uma necessidade de informação” (LE
COADIC, 2004, p. 38).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a percepção dos discentes dos cursos de História, Jornalismo e Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) quanto à atuação dos bibliotecários no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, foram estabelecidos como objetivos específicos: verificar o nível de conhecimento dos discentes sobre a prática profissional do bibliotecário; identificar se há interação entre os bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFC e os discentes de sexto semestre dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo, História e Pedagogia durante a graduação, e de que forma ela ocorre, e, por fim, compreender a relevância do bibliotecário para o processo de ensino-aprendizagem dos discentes durante a graduação. Por meio da pesquisa bibliográfica, apresentamos o conceito de conhecimento, universidade, professor, biblioteca, profissão, Biblioteconomia e bibliotecário, buscando identificar e compreender suas inter-relações com objetivo de apontar o papel e a contribuição do profissional da informação para com a comunidade acadêmica. Além da pesquisa bibliográfica, realizamos pesquisa de campo, através da aplicação de questionário com os discentes da UFC. Os resultados deste estudo apontaram que se faz necessária uma maior aproximação entre bibliotecário e usuário e que é fundamental realizar mais pesquisas com relação à compreensão dos discentes quanto ao papel deste profissional. Conclui-se que é preciso identificar os anseios e necessidades que os graduandos possuem, a fim de realizar mudanças por parte do bibliotecário e que possa ser desenvolvido atividades que possam atrair e aproximar os discentes dos bibliotecários.

Palavras-chave: Bibliotecário. Comunidade universitária. Disseminação da informação. Sociedade da informação. Estudo de usuário.

ABSTRACT

The present work has as main objective to analyze the perception of the students of the courses of History, Journalism and Pedagogy of the Federal University of Ceara (UFC) regarding the performance of the librarians in the teaching-learning process. For that, the following specific objectives were established: to verify the level of knowledge of the students about the librarian's professional practice; to identify if there is interaction between the Librarians of the UFC Library System and the students of the sixth semester of Social Communication / Journalism, History and Pedagogy in the course of the graduation and how it occurs, and, finally, to understand the relevance of the librarian for the teaching-learning process of students during graduation. Through bibliographic research, we present the concept of knowledge, university, teacher, library, profession, Library Science and librarian, trying to identify and understand their interrelationships, with the objective of pointing out the role and contribution of information professionals to the academic community. In addition to bibliographic research, we also conducted a field research, through the application of a questionnaire with UFC students. The results of this study pointed out that a closer approximation between librarian and user is necessary, and that it is fundamental to carry out more research regarding the students' understanding of the role of this professional. It is concluded that it is necessary to identify the yearnings and needs that the undergraduates have in order to make changes on the part of the librarian, and that activities should be developed in order to attract and approximate the students to the librarians.

Keywords: Librarian. Academic community. Information dissemination. Information Society. User study.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Apresenta o gênero dos participantes da pesquisa	40
Gráfico 2 – Demonstrativo de faixa etária dos entrevistados	40
Gráfico 3 – Uso das bibliotecas pertencentes à UFC pelos interrogados	41
Gráfico 4 – Serviços utilizados pelos participantes na rede de bibliotecas da UFC	41
Gráfico 5 – Solicitação por parte dos discentes pelo auxílio do bibliotecário	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BFD	Biblioteca da Faculdade de Direito
BFEAAC	Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade
BCS	Biblioteca de Ciências da Saúde
BCH	Biblioteca de Ciências Humanas
BICM	Biblioteca do Instituto de Ciências do Mar Dr. Rui Simões de Menezes
BN	Biblioteca Nacional
CI	Ciência da Informação
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: INTERAÇÃO ENTRE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	17
2.1	Partes envolvidas no processo de construção do conhecimento	18
2.1.1	<i>A universidade no Brasil</i>	20
2.1.2	<i>O professor</i>	23
2.1.3	<i>A biblioteca</i>	25
3	PROFISSÃO E BIBLIOTECÁRIO	29
3.1	O bibliotecário como mediador para acesso à informação e à produção de conhecimento	33
4	RELAÇÃO DISCENTE-BIBLIOTECÁRIO: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA E RESULTADOS	37
4.1	Objeto estudado	39
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	49

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, o bibliotecário era apenas um guardião de acervos. Conhecendo um pouco de sua história, em eras longínquas, a profissão de bibliotecário não existia oficialmente, mas algumas de suas funções já eram perceptíveis pelos que cuidavam e ordenavam os papíros e pergaminhos nas antigas bibliotecas.

O papel do bibliotecário era exercido, exclusivamente, por homens eruditos que, diferentemente de hoje, onde a profissão é realizada em sua grande maioria por mulheres, não tinham nenhuma formação teórica relacionada à área biblioteconômica. O primeiro curso de Biblioteconomia no mundo foi criado na Columbia College, chamada atualmente de Universidade de Columbia, em 1887, fundada por Melvil Dewey (SOUZA, 1993, p. 11), considerado “Pai da Biblioteconomia Moderna”.

A origem da profissão no Brasil está intimamente relacionada à criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia, pois foi a partir de sua institucionalização e com a formação escolar dos indivíduos, que a atividade profissional foi desenvolvida e firmada. Assim, o curso de Biblioteconomia desenvolveu-se a partir de sua criação na Biblioteca Nacional (BN), em 1915, sendo considerado por vários autores o primeiro da América Latina e o terceiro no mundo.

Outro fato a ser destacado é que a profissão de bibliotecário e o ensino de Biblioteconomia se deram com a aprovação do primeiro Currículo Mínimo obrigatório de graduação em Biblioteconomia, através da Resolução de 16/11/1962 do Conselho Federal de Educação (CASTRO, 2000).

No Ceará, a profissão se desenvolveu a partir da criação do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1964, tendo seu funcionamento autorizado pela Resolução de nº 174, de 22 de janeiro de 1965. O perfil do bibliotecário no estado do Ceará foi tema de pesquisa divulgada em artigo de Tabosa e Aguiar (2011). Na publicação, os autores apontam a falta de conhecimento relacionado ao perfil desta ocupação, inclusive por parte dos próprios estudantes do curso, cuja maioria associa a atuação do profissional como sendo exclusiva do contexto das bibliotecas, mas desconhecendo outros potenciais que podem ser desenvolvidos em outras instâncias.

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), (BRASIL, 2002), o bibliotecário se enquadra no rol dos profissionais que disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem

recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas; além de prestar serviços de assessoria e consultoria.

Com a revolução tecnológica, houve uma transformação no acesso, difusão e circulação da informação, além do crescimento da produção científica. O bibliotecário passou a exercer diversas funções e a ele foram agregadas inúmeras habilidades, no que tange ao círculo que compõe a guarda, a recuperação e a disseminação da informação, ou seja, desencadearam-se novas funções e responsabilidades a serem desempenhadas por esse profissional.

A atuação deste profissional passou a proporcionar transformações científicas, tecnológicas, sociais e políticas na sociedade. Assim, torna-se óbvio que o bibliotecário não poderia continuar a ser um mero arrumador e catalogador de livros, revistas etc., e sim um técnico que entendesse não só de biblioteconomia, como também tivesse sólidas noções gerais sobre assuntos de que tratam as publicações sob sua guarda.

Os bibliotecários são, segundo Castro (2004, p. 45), conduzidos e induzidos a assumir atitudes antagônicas para atender, por um lado, a população integrante ativa da chamada sociedade da informação e, por outro, um maior contingente que dela deseja fazer parte, mas que não detém capital econômico, intelectual ou cultural que a coloque em interatividade e em conectividade.

Retomando a pesquisa realizada em 2011 por Tabosa e Aguiar sobre o mercado de trabalho do bibliotecário, é possível perceber que, no Ceará, a sociedade ainda não reconhece ou simplesmente desconhece as várias possibilidades de atuação desse profissional. E, ainda que atue em bibliotecas, em sua maioria as universitárias, os bibliotecários não são tão solicitados pelos usuários, o que contribui para um cenário onde sua atuação não alcança um destaque mais relevante.

Sabemos que todo profissional busca reconhecimento e satisfação com o que realiza, e o bibliotecário não foge à regra. Cada profissão exige uma missão, cabendo ao profissional de cada área identificar o que fazer e como desempenhar bem sua função em prol não só da sua satisfação, mas do reconhecimento sobre sua importância.

Ainda existe e de forma predominante o pensamento de que o bibliotecário é um profissional que organiza livros nas estantes, que os mantém em ordem, os entrega de empréstimo e os recebe na biblioteca. Mas, conforme mencionado anteriormente, o bibliotecário não exerce somente essas funções. Segundo Figueiredo e Souza (2007, p. 10) “[...] é forte a imagética do bibliotecário como o profissional que atua somente em uma biblioteca tradicional” e, durante o processo inicial da pesquisadora no curso de Biblioteconomia na Universida-

de Federal do Ceará - UFC, até os dias atuais, isso é perceptível, visto que algumas pessoas questionam o que é a Biblioteconomia e o que o bibliotecário faz além de receber e guardar livros. Alguns não sabem sequer pronunciar o nome do curso. Os que conhecem superficialmente a profissão questionam por que se estuda durante quatro anos para saber colocar livros na estante de uma biblioteca.

Há artigos e livros que retratam o perfil e a atuação do profissional da informação, mas poucos buscam o conhecimento da sociedade em relação ao que sabem sobre esse profissional. Além disso, a escolha da temática ocorreu pelo fato de algumas pessoas, indagarem o que se estudava no curso de Biblioteconomia, e ainda informaram desconhecer o curso e as funções desenvolvidas pelo profissional da área. Outros associavam o nome do curso à própria biblioteca e questionavam se, para exercer a profissão, era mesmo necessário passar por um curso de graduação. Tais questionamentos ocorreram durante todo o período de formação da pesquisadora, causando, assim, bastante inquietação e despertando o desejo de entender os motivos que desencadeiam essas dúvidas por parte de estudantes de outros cursos.

Para falar sobre a proximidade com o tema da pesquisa e seu objeto, a temática foi escolhida pela inquietação por parte da pesquisadora que surgiu a partir de algumas perguntas realizadas por parte de pessoas de outras áreas, em relação à atividade do bibliotecário. Perguntas como “Por que estudar para apenas saber colocar livros na estante?”, ou mesmo “O que faz um bibliotecário?”, motivaram na investigação de que forma esse profissional é ou não conhecido pelos demais.

Quando a pesquisadora ingressou na UFC, indagou a familiares, amigos e colegas de trabalho se eles sabiam/conheciam o que se estudava no curso de Biblioteconomia. Todos, sem exceção, disseram desconhecer tal curso e até mesmo o que se podia estudar nele, colocando em evidência desconhecimento e dúvida sobre o bibliotecário.

Durante a graduação, a investigadora fez estágios em arquivos e também em bibliotecas especializadas em Direito. Em ambas foi perceptível o quanto as pessoas desconhecem a função e a atuação do bibliotecário. Os que conhecem são os que têm contato constante ou trabalham com o profissional da informação.

Dito isso, a investigadora decidiu pesquisar essa temática, sob a perspectiva de discentes de outras graduações, escolhendo, para tal, os cursos de História, Jornalismo e Pedagogia, localizados no Centro de Humanidades da UFC. Pretende-se descobrir se eles conhecem o profissional bibliotecário, se conhecem suas funções, se fazem uso de seus serviços e de que forma entendem que/se esse profissional pode contribuir para a sua formação acadêmica. A opção por estudar os discentes dos referidos cursos deu-se tanto por lidarem e dissemi-

narem a informação, como por estarem próximos do curso de Biblioteconomia. A escolha por delimitar pelo sexto semestre se deu por acreditar que os alunos destes semestres possuam amadurecimento no que tange a leitura e a pesquisa.

Considerando esse contexto, o presente trabalho teve como **objetivo geral** analisar a percepção dos discentes dos cursos de História, Jornalismo e Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) quanto à atuação dos bibliotecários no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, foram delimitados os seguintes **objetivos específicos**:

a - Verificar o nível de conhecimento dos discentes sobre a prática profissional do bibliotecário;

b - Identificar se há interação entre os bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFC e os discentes de sexto semestre dos cursos de História, Comunicação Social/Jornalismo e Pedagogia durante a graduação, e de que forma ela ocorre;

c - Compreender a relevância do bibliotecário para o ensino-aprendizagem dos discentes durante a graduação.

Esta investigação terá uma abordagem de natureza exploratória e qualitativa, tendo como domínio empírico os discentes dos cursos de História, Comunicação Social - Jornalismo e Pedagogia da UFC. Os entrevistados foram selecionados através da ajuda da Coordenação dos cursos escolhidos, selecionando os estudantes matriculados no sexto semestre. O instrumento de coleta utilizado foi o questionário.

A pesquisa está dividida em 5 seções, sendo o primeiro a introdução ao estudo, onde foi apresentado o problema de pesquisa e sua justificativa, além dos objetivos e estrutura do trabalho. A segunda seção apresenta os conceitos, a construção e as partes envolvidas no processo de construção do conhecimento, mais especificamente a universidade, o docente e a biblioteca. O terceiro traz a compreensão sobre profissão e biblioteconomia, além de nortear como o bibliotecário pode fazer a mediação em relação a produção do conhecimento e ao seu acesso. A quarta seção apresenta a metodologia utilizada, o acercamento com o objeto de pesquisa e os motivos pela escolha do público a ser pesquisado, além de informar os percalços e obstáculos encontrados ao longo da pesquisa, bem como a aplicação do questionário e os resultados obtidos. Na quinta e última seção é apresentado a conclusão e os comentários quanto à pesquisa.

2 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: INTERAÇÃO ENTRE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

O conhecimento faz parte da natureza dos seres humanos, pois é através dele que evoluímos, formamos nossa identidade, definimos e conquistamos objetivos e nos inserimos na sociedade em que vivemos. Estamos em crescimento constante, necessitando absorver informações do mundo externo para nosso desenvolvimento interno e, assim, colaborar com o desenvolvimento e evolução da sociedade.

Segundo Johannes Hessen (1999, p. 50), “conhecimento quer dizer uma relação entre sujeito e objeto. O verdadeiro problema do conhecimento, portanto, coincide com a questão sobre a relação entre sujeito e objeto”. Desse modo, podemos perceber que o meio interfere nas decisões do sujeito, em suas escolhas de vida, sobretudo aquelas que dizem respeito à profissão que deseja exercer no futuro.

Entre as várias definições sobre conhecimento, podemos citar David Ausubel (2003, p. 6), que diz:

O conhecimento é significativo por definição. É o produto significativo de um processo psicológico cognitivo (“saber”) que envolve a interação entre ideias “logicamente” (culturalmente) significativas, ideias anteriores (“ancoradas”) relevantes da estrutura cognitiva particular do aprendiz (ou estrutura dos conhecimentos deste) e o “mecanismo” mental do mesmo para aprender de forma significativa ou para adquirir e reter conhecimentos.

Ou seja, dependerá de como o indivíduo vivencia, busca e compreende o que se deseja conhecer, pois cada um assimila o saber de forma diferente. Ainda de acordo com o Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2004), conhecimento significa:

[De conhecer + *-imento*.] **S. m.** **1.** Ato ou efeito de conhecer. **2.** Idéia, noção. **3.** Informação, notícia, ciência. **4.** Prática da vida; experiência. **5.** Discernimento, critério, apreciação. **6.** Consciência de si mesmo; acordo. **7.** Pessoa com quem travamos relações.

Podemos dizer que através da informação obtemos conhecimento, pois é através dela que o indivíduo faz reflexões sobre determinado assunto, organiza-o em estruturas mentais e assimila-as, gerando, assim, o saber. A informação gera conhecimento quando o indivíduo que a recebe tem condições para aceitar e interiorizar o dado. Conforme Barreto (2007, p. 23), “a informação sintoniza o mundo, pois referencia o homem ao seu passado histórico, às suas cognições prévias e ao seu espaço de convivência, colocando-o em um ponto do presen-

te, com uma memória do passado e uma perspectiva de futuro [...]”. Ou seja, a interpretação da informação é individual, logo o conhecimento também é particular de cada sujeito. Assim, podemos compreender que a obtenção do saber sobre algo dependerá, única e exclusivamente, dos desejos e necessidades de cada indivíduo.

O Estado assegura aos cidadãos o acesso à educação através da escola. Esse contato proporciona uma aproximação com a informação, possibilitando, assim, a construção e evolução do conhecimento. O ingresso escolar é uma das regras de direito e dever do cidadão, definido, mais precisamente, na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, no qual dedica o Capítulo IV a explicar sobre tais direitos, decretando que, desde a infância, a pessoa deve frequentar a escola e ter acesso à educação. O acesso à educação também é assegurado pela Constituição Federal de 1988, em seu Capítulo II, art. 6º. Logo, obter acesso à informação, antes de tudo, é um direito.

Para além dos estudos, existem influências que podem auxiliar e instigar o indivíduo no que tange ao acesso à informação, na formação profissional e na experiência individual. A seguir, destacamos a importância das partes envolvidas no processo de construção do conhecimento.

2.1 Partes envolvidas no processo de construção do conhecimento

Ao longo da vida o indivíduo vai adquirindo informações, sendo que essa obtenção é influenciada pelo meio externo e por suas próprias experiências de vida. Barreto (2007, p. 27) afirma que:

O conhecimento, destino da informação, é organizado em estruturas mentais por meio das quais um sujeito assimila a “coisa” informação. Conhecer é um ato de interpretação individual, uma apropriação do objeto informação pelas estruturas mentais de cada sujeito.

Porém, durante seu crescimento e desenvolvimento, o indivíduo sofre inúmeras influências. Quando uma pessoa nasce, ela é normalmente orientada pelos pais, pela família. Os pais projetam nos filhos suas próprias experiências, o modo como interagem com os demais, direcionando-os, assim, a caminhos que acreditam que os levará a obter conhecimento e, conseqüentemente, ao crescimento, tanto pessoal quanto profissional.

A influência dos pais afeta diretamente os filhos em muitas das atuações sociais que desenvolvem durante a vida. Esses atributos norteiam a escolha da religião, da instituição educacional onde vão estudar, os espaços que pretendem ocupar etc. Esses princípios normal-

mente guiam os sujeitos a determinar aquilo que querem para si mesmos, quando então adquirem capacidade de tomar decisões por conta própria. Isso também diz respeito às fontes de informação escolhidas, com as quais trocam experiências, influenciam e são influenciados.

A partir disso, o indivíduo começa a interagir com o meio externo, conhecendo a sua e outras culturas, permitindo ou não que as informações que lhes são acessíveis possam influenciá-lo ou não. Sendo a escola um desses meios de influência, no que diz respeito seu papel social, ela possui como principal tarefa:

[...] encaminhar ações por meio de processos educativos que venham despertar o compromisso social dos indivíduos, das entidades e dos grupos sociais, objetivando fazer uma só aliança, capaz de promover mudanças e transformações no cumprimento do dever educacional, da preparação e formação de alunos que sejam cidadãos portadores de uma nova visão de mundo reinventado, através da criticidade e da participação. (NOBRE; SULZART, 2018, p. 105)

É na escola que o cidadão identifica as áreas do conhecimento com as quais terá maior afinidade, sentindo, portanto, maior facilidade no processo de aprendizagem. É também no ambiente escolar que o sujeito adquire amizades que, por sua vez, também interferem e influenciam nessa formação. Desse modo, podemos identificar que as influências externas afetam os desejos, escolhas e anseios do indivíduo.

Conforme o indivíduo evolui, suas escolhas vão sofrendo modificações. À medida que o tempo proporciona discernimento, o sujeito define que amizades permanecem e que novas irá fazer; que religião irá seguir ou, simplesmente, se não vai seguir nenhuma; que profissão possuirá; se fará algum curso de graduação; se fará pós-graduação, enfim, tudo dependerá da influência obtida, do contexto social no qual foi inserido, de suas escolhas e do conhecimento obtido. Entretanto, é sabido que a universidade proporciona aos indivíduos uma formação de qualidade, contribuindo, assim, na construção do conhecimento.

Refletindo sobre essas possibilidades, e não obstante o processo de construção do conhecimento ocorrer no âmbito social, de bases empíricas, mas principalmente nos ambientes institucionalizados, estudaremos a temática sob a ótica de três atores que compreendemos serem basilares para a consolidação desse processo: a universidade, o professor e a biblioteca. Abordaremos esses atores através da observação de sua própria história, além de apontar a importância de cada um deles, identificando de que forma podem influenciar e contribuir no desenvolvimento intelectual do ser humano.

2.1.1 Universidade no Brasil

É sabido que as instituições de ensino superior no Brasil proporcionam, além de conhecimento, capacitação profissional. Entretanto, se o indivíduo permanecerá e ou se concluirá algum curso, dependerá de vários fatores, dentre os quais podemos destacar: a motivação, seus objetivos e sua condição de vida.

Conhecendo um pouco sobre o ensino superior no Brasil, o primeiro ensino foi fundado pelos jesuítas na Bahia, em 1550. Eram oferecidos ensinamentos das primeiras Letras, além de Artes e Teologia. Porém, Portugal proibiu os estudos universitários nas colônias brasileiras. Em 1817, o rei D. João VI criou cátedras de ensino superior para formação de profissionais em Medicina e de Engenharia. Em 1927, o imperador Pedro I acrescentou ao quadro existente o curso de Direito (CUNHA, 2000, p. 153). Assim surgiram os primeiros cursos de nível superior.

Com o passar do tempo, o ensino superior desenvolveu-se pela multiplicação de faculdades isoladas. Durante o período colonial e imperial, o ensino superior ministrado no Brasil foi, inicialmente, ofertado em colégios, cátedras e, posteriormente, ginásios, sendo focado nos cursos de Medicina, Engenharia e Direito.

No Império, outras tentativas de criação de universidades se fizeram sem êxito; uma delas foi apresentada pelo próprio Imperador, em sua última Fala do Trono (1889), propondo a criação de duas universidades, uma no Norte e outra no Sul do país, que poderiam constituir-se centros de alta organização científica e literária. (FÁVERO, 2006, p. 21)

As elites regionais pressionavam para que se facilitasse o ingresso no ensino superior, pois acreditavam que os exames preparatórios eram um obstáculo. Assim, conforme Cunha, os exames:

[...] passaram a ser realizados perante juntas especiais, no Rio de Janeiro e depois nas capitais das províncias; o prazo de validade da aprovação passou de instantânea para permanente; os exames foram parcelados, permitindo-se realizar provas de cada matéria no tempo e no lugar mais convenientes para os candidatos. (2000, p. 155)

Desse modo, a admissão dos candidatos ao ensino superior era realizada por meio de exame. Posteriormente, os estudantes do curso secundário passaram a ter o privilégio de se matricular em qualquer instituição superior. Logo, o ensino superior ganhou mais densidade durante o período imperial, mas não alterou o suficiente para melhorar a perspectiva no país, pois o ensino “[...] foi criado não para atender às necessidades fundamentais da realidade da

qual era e é parte, mas pensada e aceita como um bem cultural oferecido a minorias [...]” (FÁVERO, 2006, p. 19).

A medida que o ensino superior se transformava, resistências sobre esse processo cresciam. Movimentos pela desoficialização do ensino e a abolição dos privilégios dos diplomas cresciam, juntamente com a crítica sobre a qualidade do ensino secundário e superior. Por conseguinte, ocorreram diversas mudanças, tanto no ensino como no ingresso das faculdades, pois havia muitos estabelecimentos de ensino com qualidade duvidosa.

Durante a República ocorreram as reformas educacionais no Brasil, onde as transformações no ensino foram marcadas pela multiplicação de escolas e cursos. Foi também nesse período que faculdades foram criadas e mantidas, tanto pelos governos estaduais, como pela iniciativa privada, o que acarretou na expansão e na transformação do ensino superior (CUNHA, 2000). O retardo na criação de uma universidade permaneceu pela força dos positivistas.

[...] a universidade foi inicialmente influenciada por uma perspectiva funcionalista que via na educação uma forma de vincular o aprendizado à sociedade e ao governo. Desta forma, a educação era voltada às necessidades sociais com a função de servir a Nação. (BOTTONI; SARDANO; COSTA FILHO, 2013, p. 25)

A primeira universidade, explicitamente com esse nome, criada no País, foi em Manaus, no estado do Amazonas, em 1909. A Universidade de Manaus foi resultado de iniciativa de grupos privados, e ofereceu cursos de Engenharia, Farmácia, Medicina, Odontologia, Direito e de formação de oficiais da Guarda Nacional. Devido a problemas financeiros, a instituição fechou em 1926.

A segunda universidade foi a Universidade de São Paulo, em 1911. Criada com recursos de um “sócio capitalista”, oferecia cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia, Direito, Comércio e Belas Artes. Também por problemas econômicos, a mesma foi diluída em 1917.

A terceira universidade foi criada em Curitiba, em 1912, com iniciativa de profissionais locais e com apoio do governo estadual. Oferecia cursos de Engenharia, Direito, Medicina, Odontologia, Farmácia e Comércio. “Mas a proibição da equiparação de instituições de ensino superior em cidades com menos de 100 mil habitantes pôs fim ao projeto da universidade” (CUNHA, 2000, p. 142). Assim, a primeira instituição que assumiu duradouramente o *status* de universidade foi a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920. Foi resultado da união das faculdades federais de Medicina, de Engenharia e de Direito. A Universidade de Minas Gerais também foi fundada em 1927, com a união das faculdades de Engenharia, Me-

dicina, Odontologia, Farmácia e Direito. Após inauguração da segunda universidade, o governo federal estipulou normas que regulavam a criação de novas universidades. A primeira delas foi o Decreto nº 5.616, de 1928, que apresentava as seguintes condições:

[...] as universidades criadas nos estados, com personalidade jurídica, teriam administração econômica e didática com perfeita autonomia e os diplomas reconhecidos pela união; o patrimônio não poderia ter menos de trinta mil contos; a nomeação do reitor seria pelo Presidente do Estado; ter, no mínimo, três faculdades funcionando pelos menos há quinze anos, ininterruptamente; estariam sujeitas a fiscalização do Departamento Nacional de Ensino; assim o governo poderia suspender a expedição de diplomas sempre que a fiscalização documentar que o ensino não está sendo ministrado com eficiência e pureza; além de determinar que o pagamento dos professores fossem constituídos por uma cota fixa e outra calculada com relação à frequência. (BRASIL, 1928)

Somente com o cumprimento de tais condições é que uma instituição receberia *status* de universidade pelo governo federal. A partir desse acontecimento é que as universidades foram se firmando e se expandindo pelo Brasil. Portanto, fica aqui perceptível que a demora no início das universidades se deu por influência e interesses políticos, trazendo como consequência o atraso no processo de desenvolvimento da sociedade. Como afirma BOTTONI; SARDANO; COSTA FILHO (2013, p. 25), “O Brasil, no entanto, viveu 114 anos (1808 a 1922) sem instituições destinadas a formular e a ministrar (no nível superior) o saber científico puro [...]”.

O propósito das universidades é formar profissionais capazes de atender às demandas da sociedade, visando o crescimento intelectual dos indivíduos formados, bem como da prosperidade da sociedade. Assim, “uma das características da universidade é a de ser um locus de investigação e de produção do conhecimento” (FÁVERO, 2006, p. 26). As universidades têm como função específica o progresso social,

[...] tanto do ponto de vista do ensino, formando mão de obra qualificada nas mais diferentes áreas e requalificando a força de trabalho já inserida no mercado, quanto das pesquisas desenvolvidas em seus laboratórios, centros e grupos de pesquisa, gerando novos conhecimentos em ciências básicas. (TARTARUGA, 2010, p. 9)

Conforme Andrea Bottoni (SARDANO; COSTA FILHO, 2013, p. 32), “os modelos universitários deveriam primar por sua qualidade de ensino, pesquisa e extensão”, realizando, assim, o desenvolvimento intelectual dos cidadãos e o progresso da sociedade. Ou seja, a evolução dos indivíduos e da sociedade são diretamente influenciados pelo desenvolvimento das universidades. Assim, a qualidade do ensino e da formação de profissionais transparece, como por exemplo, no professor.

2.1.2 O professor

Como descrito na seção anterior, a criação das universidades no Brasil deu-se de forma tardia. No período colonial, “A educação era um serviço que somente poderia ser comprado pela elite e, em se tratando do Brasil, importado de Portugal. Por aqui, não existia, ainda, nenhum tipo de ensino que visasse a formação dos professores” (TEIXEIRA, 1989 *apud* BOTTONI; SARDANO; COSTA FILHO, 2013, p. 22).

Ou seja, a formação de profissionais era idealizada desde as províncias até os dias atuais, mas as questões políticas foram um agravante para a implantação, como ainda são, no que tange a melhoria no processo de formação. O progresso constante do ensino superior é necessário, principalmente na qualificação de professores que não só auxiliam na educação dos estudantes, como também contribuem para a formação intelectual destes, influenciando, assim, em suas escolhas. Logo, “as políticas governamentais relacionadas à formação do professor, vêm definindo, articulando e estruturando os diferentes níveis de ensino (infantil, fundamental, médio e superior) da educação brasileira” (SCHMIDT, 1999, p. 18).

Desde o ensino básico até a pós-graduação se faz necessário obter professores com qualificação, pois “a formação do professor se coloca como um dos fatores fundamentais que influenciam a qualidade de ensino” (SCHMIDT, 1999, p. 18).

Conforme Teixeira (2010, p. 4), “a formação do professor está diretamente relacionada à qualidade da educação. A rotina da escola deve se constituir por atividades de aprendizagens significativas, prazerosas para todos os seus segmentos”. Isto significa que o trabalho pedagógico é o núcleo fundamental no contexto de sua formação como educador, a partir do qual outros aspectos podem ser acrescidos.

As instituições de ensino precisam obter, como foco, um ensino de qualidade e que auxilie ao aluno a pensar, a aprender e a usar a informação na construção do conhecimento (TEIXEIRA, 2010), sendo este capaz de viver na sociedade atual, onde o processo de transformação e de atualização se dá de forma rápida. É também neste ambiente que se identifica e ressalta “o valor da diversificação das fontes de leitura, quer didáticas, recreativas ou informativas na escola, principalmente junto ao público infantil” (SOUZA, 1993, p. 74), colocando, assim, as habilidades do educador à prova. Desse modo,

[...] o saber do professor proporciona um ponto de partida para reflexão crítica. Simplesmente, não pode dar-se por sentado e sistematizado na teoria, nem voltar-se definitivamente para a prática. E isto não ocorre porque o saber do professor seja menos exigente que os outros, se não porque os atos educativos são atos sociais, e

portanto reflexivos, historicamente localizados, e submergidos em contextos intelectuais e sociais concretos. (Carr; Kemmis, 1988 *apud* TEIXEIRA, 2010, p. 10)

A formação do professor precisa ser satisfatória e continuada, capaz de criar ambientes de aprendizagem que visem o desenvolvimento dos cidadãos, para que estes tenham autonomia para pensar por si mesmos e que possam estabelecer relações de interação e de reciprocidade.

O professor, para Demo (1992, p. 23),

[...] torna-se o formador principal da capacidade de desenvolvimento na sociedade e na economia, ligando-se, mais que a produtos do conhecimento, ao processo de construção da competência propedêutica do conhecimento. É a peça-chave do des-cortino do futuro. Precisa estar à frente dos tempos, para lhes sinalizar a rota”.

Ou seja, é um profissional fundamental na vida de qualquer ser humano, principalmente no início do período escolar, pois é onde o indivíduo começa a ter acesso aos ensinamentos básicos da vida. Não é possível obter a dimensão do quão importante é o papel dos professores na progressão dos alunos, tão pouco sabe-se das dificuldades que enfrentam para desempenhar seu papel social, mas é sabido que os docentes, além de atuarem como educadores, agem também como pais, psicólogos, conselheiros e amigos. Sobre eles é depositada uma responsabilidade muito grande, pois suas atitudes refletem no comportamento e nas decisões dos indivíduos que estão sob seus cuidados. E tais situações não são uma particularidade de docentes de ensino primário, acontece com todo magistério.

Assim como não foi possível mensurar até que ponto o professor influencia seus alunos, também não se pode medir que nível os discentes afetam a vida e a percepção dos docentes. Entretanto, o educador tem o poder de influenciar, de sofrer influxo e que, para lidar com tal conjuntura, é preciso estar preparado.

Uma forma de compor sua formação, o docente pode buscar a modalidade de formação continuada, que é dirigida para construção de uma prática pedagógica articulada com a realidade escolar. Neste seguimento, Freitas (1992, p. 11) observa que a formação continuada é relevante em dois aspectos: na própria atuação profissional, enquanto aprimoramento constante e para alterar a concepção curricular das agências formadoras. Como auxílio deste desenvolvimento e fornecedor de insumo, um dos exemplos, é a biblioteca.

2.1.3 A biblioteca

Não se pode falar da biblioteca sem falar do surgimento da escrita. Os primeiros escritos que temos conhecimento foram realizados nas paredes de cavernas, em rochas e posteriormente em argila. Estes foram os primeiros suportes utilizados para “registro de memória”. Depois vieram os papiros, pergaminhos e, posteriormente, o papel (LYONS, 2011).

A humanidade, após o surgimento da escrita, veio registrando todo o conhecimento que possuía. Inicialmente, o processo de produção era lento, uma vez que as bases da escrita não existiam em abundância. O primeiro suporte da escrita foi o papiro, feito com as fibras do *Cyperus papyrus*, uma planta aquática abundante nas margens do Rio Nilo. Os textos eram escritos à mão, em colunas, formando faixas de vários metros e enroladas em torno de uma haste, formando o rolo que se denominava *volumen*. Uma obra poderia ter vários volumes. Devido a questões econômicas surgiu então o pergaminho, suporte feito com pele de animais e usado por cerca de mil anos. Tinha, inicialmente, o formato dos papiros e, posteriormente, as folhas foram presas por costura e encadernadas, apresentando-se com o formato dos livros que conhecemos atualmente. Depois deles surgiu o papel, já existente e utilizado na China desde o século II d.C., chegando à Europa na Idade Média. O papel era mais barato que o pergaminho, o que permitiu a ampliação da escrita (MILANESI, 2013).

Com a expansão do papel surgiu a imprensa surgida com Johannes Gutenberg (1398-1468), um alemão que desenvolveu a primeira máquina de impressão feita com tipos móveis, por volta de 1450. “A invenção de Gutenberg adubou o solo do qual brotaram a história moderna, a ciência, a literatura popular, a nação-estado - muito de tudo o que chamamos modernidade” (MANN, 2004, p. 12). Logo, sua criação barateou e aumentou a produção de livros e, conseqüentemente, a disseminação do conhecimento. Le Coadic (2004, p. 5) declara que,

Com o advento da escrita, a comunicação passou de oral a escrita. Isto teve como consequência, por um baixo custo energético, multiplicar a informação (cópia de manuscritos, imprensa, fotocópia) e armazená-la, permitindo assim exteriorizar, primeiramente nas bibliotecas, uma das funções do cérebro humano, que é a memória [...].

Em função disso surgiram as bibliotecas, local de guarda da produção do conhecimento. “Havendo registros, haverá uma biblioteca, porque os homens precisam repartir o pensamento criado, disseminando-o para garantir a posse da informação” (MILANESI, 2013, p. 13).

As primeiras bibliotecas eram tidas como sagradas, uma vez que seu acesso era restrito, devido pertencerem a mosteiros, sendo, então, fiscalizados por monges e sacerdotes. Havia existência de livros acorrentados, páginas de livros envenenadas, livros de acesso proibido e essas ações eram realizadas para limitar, e até mesmo censurar, o acesso à informação.

Como afirma Milanesi (2013, p. 23), “O homem registra para reter, e o registrado não encontrável, na prática, é igual ao inexistente”. Assim, a biblioteca tem como papel social o acesso e a disponibilidade à informação. Seus serviços são diversos e se adaptam ao público para o qual se direcionam. “Para cada grupo humano segmentado em interesses deve haver uma organização delineada não por especialistas em técnicas, mas especialmente conhecedores do público específico e do universo de conhecimento que a ele possa interessar” (MILANESI, 2013, p. 58). Assim, as bibliotecas foram se modernizando e se adequando para atender a seus usuários. Tornou-se “uma organização dinâmica que deve se preocupar com a coletividade, e para isso tem que compreender seu real valor institucional para com a comunidade, se colocando como organização necessária para a mesma” (OLIVEIRA; ALVES; MAIA, 2013, p. 4543).

Durante séculos a biblioteca definiu-se como acervo, coleção de impressos. Era a forma como os grupos humanos, os povos preservavam os seus conhecimentos acumulados, transferindo-os de geração para geração com os acréscimos feitos por novas produções. Com o tempo, os registros foram se diversificando, surgindo seções de jornais, revistas e, depois, o que se denominou de “audiovisual”. (...) a organização do acervo não é mais a razão de ser da biblioteca, surgiram os serviços de informação moldados aos grupos específicos. (MILANESI, 2013, p. 79)

O papel das bibliotecas vai muito além de apenas fornecer informação, pois esta também tem como função social o papel de transformar a comunidade ao qual está inserida. R. David Lankes (2016, p. 58) afirma que, “a missão das bibliotecas é melhorar a sociedade facilitando a criação do conhecimento, além de ser um local para encontrar recursos de informação de qualidade”, ampliando assim, a pesquisa e estimulando o desenvolvimento econômico. Souza (1993, p. 43) afirma que,

[...] para a biblioteca desempenhar-se como agente de transformação, ela precisa, por primeiro, ver-se como permanente, com vida anterior e posterior a quem a dirige. Se esta premissa for colocada, as capacidades e orientações tendem a ser convenientemente utilizadas, e isso vai gerar produtos e serviços, atitudes e ações marcantes.

Por este motivo, as bibliotecas foram se modificando e se modernizando. Hoje é possível encontrar uma grande diversidade delas: públicas, comunitárias, municipais, escolares, universitárias, dentre outras. Como o enfoque deste trabalho visa verificar o conhecimen-

to dos universitários sobre a atuação do profissional bibliotecário, abordaremos a seguir, de forma breve, a biblioteca universitária. As bibliotecas universitárias surgiram na Idade Média, pouco antes do Renascimento. Inicialmente elas estavam ligadas às ordens religiosas, porém começavam a ampliar o conteúdo temático além da religiosidade.

Estas bibliotecas são as que mais se aproximavam do conceito atual de biblioteca como espaço de acesso e disseminação democrática de informação. O número de estudantes universitários aumentou, ocasionando o crescimento também da produção intelectual. (MOROGI, 2005, p. 191)

Ou seja, são instituições desenvolvidas com o objetivo de proporcionar acesso ao conhecimento, por meio de suportes variados, para o discente, o professor e o pesquisador, com produtos e serviços direcionados ao ensino e pesquisa, conforme a área que a universidade oferece. Seu objetivo é, conforme Fonseca (2007, p. 53), “fornecer infraestrutura bibliográfica e documental aos cursos, pesquisas e serviços mantidos pela universidade”.

Um dos maiores desafios da biblioteca universitária é a atualização constante do acervo, uma vez que a produção do conhecimento está cada vez mais próspera. Milanesi (2013, p. 69) afirma que, “uma coleção universitária deve responder às exigências da instituição que a abriga. (...) O acervo deve estar preparado não só para atender ao programa de leitura dado pelos mestres, mas também para permitir voos independentes. A atualização permanente é fundamental”. Algumas bibliotecas universitárias também são consideradas bibliotecas especializadas, pois suas coleções são direcionadas a cursos específicos, sendo agrupadas e organizadas para atingir um público-alvo, proporcionando maior acessibilidade aos usuários.

As bibliotecas universitárias também fornecem serviços de referência, onde este é definido como uma interface entre a informação e o usuário, mediado pelo bibliotecário de referência. Denis Grogan, (1995, p. 22), afirma que o trabalho de referência, “é muito mais do que uma técnica especializada ou uma habilidade profissional. Trata-se de uma atividade essencialmente humana, que atende a uma das necessidades mais profundamente arraigadas da espécie, que é o anseio de conhecer e compreender”. Diz ainda que “os usuários das bibliotecas, auxiliado pelo bibliotecário de referência, têm melhores condições de mais bem aproveitarem o acervo de uma biblioteca do que o fariam sem assistência”. Por fim, o autor assevera que, com “[...] esta ‘maximização de recursos’ constitui o princípio que se encontra no cerne do próprio conceito de biblioteca, que é o compartilhamento e uso coletivo dos registros gráficos em benefício da sociedade como um todo e dos indivíduos que a constituem” (GROGAN, 1995, p. 8). Portanto, é através desta atividade que os indivíduos têm um maior contato com o

bibliotecário, pois este serviço tem como intuito a retirada de dúvidas, possibilitando ao bibliotecário obter uma ideia do nível, da forma e da quantidade de material que propiciará ao pesquisador as informações desejadas.

Isto posto, podemos identificar quão importante são estes personagens na vida e na evolução intelectual dos indivíduos, podendo ou não ter influências significativas nas suas escolhas e no seu modo de vida, afetando assim no desenvolvimento da sociedade.

Para que se possa compreender um pouco mais sobre a profissão do bibliotecário, explanaremos na seção 3 a compreensão e o significado de profissão, bem como a formação e atuação do profissional bibliotecário.

3 PROFISSÃO E BIBLIOTECÁRIO

A profissão exige conhecimentos específicos para ser posta em prática, uma preparação longa e intensiva, transformando-se em uma ocupação especializada. De acordo com Murilo Bastos da Cunha (1976, p. 179),

[...] profissão exige conhecimentos especiais, numa preparação longa e intensiva transformando-se assim em ocupação especializada. A profissão é também uma atividade especializada permanentemente exercida e institucionalizada, dependendo quanto a funções e status social, do tipo de estratificação social e do grau de divisão do trabalho atingido por uma determinada sociedade.

Em conformidade com o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2004), o termo profissão tem origem do latim *professione*, tendo como definição: S. f. 1. Ato ou efeito de professar (1,8 e 9). 2. Declaração ou confissão pública de uma crença, sentimento, opinião ou modo de ser. 3. Atividade ou ocupação especializada, e que supõe determinado preparo.

Um conceito que, apesar de não ser tão atual, é provavelmente um dos mais conhecidos por trazer a compreensão de especialização do trabalho, demonstrando a necessidade de uma educação específica. Aponta relação econômica entre o profissional e a sociedade e evidencia o requisito essencial ao profissional para obter um melhor desempenho de suas atividades. Assim, Freidson (1998, p. 246) diz que:

Profissão é sinônimo de ‘ocupação’: diz respeito ao trabalho especializado pelo qual uma pessoa ganha a vida numa economia de troca. Mas não é simplesmente qualquer tipo de trabalho que os profissionais fazem. O tipo de trabalho que realizam tem caráter esotérico, complexo e arbitrário: requer conhecimento teórico, competência e discernimento que as pessoas comuns não possuem, podem compreender completamente e não podem avaliar prontamente. Além do mais, o tipo de trabalho que realizam é considerado especialmente importante para o bem-estar de indivíduos ou da sociedade em geral, e tem um valor tão especial que o dinheiro não pode lhe servir de única medida: é também Boa Obra. É a capacidade de realizar esse tipo especial de trabalho que distingue os chamados profissionais da maioria dos outros trabalhadores.

Porém, muitas vezes a profissão é confundida com trabalho, ancorada na justificativa de não haver uma divisão perceptível entre os dois conceitos. Em conformidade com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2004), a palavra “trabalho” vem do latim *tripalium* e significa:

S. m. 1. Ato de trabalhar. **2.** Qualquer ocupação manual ou intelectual. **3.** Esmero, cuidado que se emprega na feitura de uma obra. **4.** Obra feita ou que se faz ou está

para se fazer. 5. Labutação, lida. 6. O fenômeno da vitalidade dos órgãos. 7. Os exames, as discussões e deliberações de uma corporação, repartição, etc.

Podemos identificar que as profissões exigem uma educação formal orientada para o desempenho de uma atividade específica, enquanto que no trabalho a implementação de padrões de serviços e de técnicas é realizada, geralmente, através de treinamentos.

Assim, uma ocupação se confirma como profissão quando o indivíduo possui conhecimento amplo sobre o ofício que irá desempenhar, obedecendo às leis estabelecidas para execução da função pela qual foi contratado. Além disso, fornece serviço à sociedade, obtendo, assim, remuneração salarial conforme nível de conhecimento, de escolaridade e de incumbência.

Entre as mais diversas ocupações está o bibliotecário, cuja formação ocorre através do curso de graduação em Biblioteconomia.

Existem várias definições para a Biblioteconomia, como por exemplo a de Jesse H. Shera (1968 *apud* CUNHA, 1976, p. 182), que a percebe como “atividade profissional que compreende o conjunto de organismos, operações técnicas e princípios que dão aos documentos gráficos o máximo de utilidade social possível”. Le Coadic (2004, p. 12) explica que se trata da “União de duas palavras, biblioteca e economia (esta no sentido de organização, administração, gestão), (...) que não é nem uma ciência, nem uma tecnologia rigorosa, mas uma prática de organização”.

Stone (1965 *apud* CUNHA, 1976, p. 182) determina que a função da Biblioteconomia é uma:

[...] interrupção consciente do fluxo ou corrente total de idéias registradas e informação, para extrair seletivamente conjuntos de dados tratáveis para a armazenagem e mais tarde, recuperação e disseminação para indivíduos ou grupos em qualquer tipo de veículo ou formato, e que poderiam ser requisitados para satisfazer necessidades conhecidas ou antecipá-las e para exercitarem funções de crítica e ou de feedback no interesse tanto dos produtores quanto dos consumidores dos recursos de comunicação fornecidos.

Segundo o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2004), bibliotecário tem origem do latim *bibliothecariu* e tem como definição: “**Adj.** 1. Relativo a biblioteca; bibliotecal. **S. m.** 2. Aquele que superintende uma biblioteca”. Aqui podemos observar como a função do bibliotecário não é conhecida em todo o seu potencial, uma vez que o dicionário menciona apenas a biblioteca como instituição de atuação do bibliotecário, limitando, assim, as possibilidades de exercício dele.

Contextualizando historicamente, o bibliotecário nasceu conjuntamente com a criação das primeiras bibliotecas pela nobreza e pelo clero, sendo exercido, exclusivamente, por homens eruditos que, no entanto, não tinham nenhuma formação teórica. A origem da profissão do bibliotecário está relacionada à criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia. No Brasil, de acordo com Souza (1993, p. 13), “(...) a Biblioteconomia ingressou como arma para facilitar o deleite da elite com o mundo civilizado europeu e norte-americano. Não chegou como instrumento para auxiliar a educação e fomentar a construção da soberania”.

O bibliotecário é um profissional de nível superior que pertence à família dos “profissionais da informação”, que, no Brasil, possui atribuições descritas pela Lei nº 4.084/62, que regula o exercício da profissão, tais como:

A organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autarquias e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes: o ensino de Biblioteconomia; a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em vias de equiparação; administração e direção de bibliotecas; a organização e direção dos serviços de documentação; a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência. (BRASIL, 1962).

Podemos perceber que, em essência, o bibliotecário é o comunicador de alguns recursos ou conteúdos informacionais de uma unidade de informação para o usuário, e que seu êxito pode ser mensurado pela transmissão efetiva e eficiente de dados ou informações solicitadas.

Por profissionais da informação entendemos as pessoas, homens (ainda são poucos) e mulheres, que adquirirem informação registrada em diferentes suportes, organizam, descrevem, indexam, armazenam, recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela. (LE COADIC, 1996, p. 106)

A área de atuação do bibliotecário é vasta, apresentando diversas possibilidades. De acordo com Lyda Sambaquy (1956 *apud* CUNHA, 1976 p. 190 e 191),

[...] têm os bibliotecários brasileiros a possibilidade de optar, dentro de sua carreira, pelas mais variadas atividades, que estão condicionadas às mais variadas tendências e à mais diferenciada formação cultural. Além do privilégio de poderem optar pela especialização, ou tipo de biblioteca em que desejam trabalhar, atendendo à sua própria vocação e à sua formação cultural, o bibliotecário brasileiro tem ainda outro privilégio, igualmente importante, qual seja o de trabalhar como verdadeiro pioneiro em seu campo de atividade. [...] Entretanto, os bibliotecários brasileiros, recém-formados em sua maioria, encontram-se imediatamente diante de uma situação peculiar: serviços por organizar, coleções bibliográficas deficientes e desatualizadas, incompreensão, absoluta falta de recursos, mas, em compensação, não lhes faltam

oportunidades para organizar, dirigir, reformar e aplicar conceitos, normas e técnicas adquiridas nas escolas de Biblioteconomia.

Dentro das diversas possibilidades que o bibliotecário possui, uma delas é ser gestor de unidade de informação e, para que possa trabalhar nessa função, deve atrelar organização, acesso e disseminação da informação. As atividades desenvolvidas pelas unidades informacionais dependem e são incumbidas inteiramente pelo profissional responsável pelos seus produtos e pela prestação de serviços. Conforme Valentim (2002, p. 123-127 *apud* Silveira, 2008, p. 90), as competências técnico-científicas desse profissional são:

Desenvolver e executar o processamento de documentos em distintos suportes, unidades e serviços de informação; Selecionar, registrar, armazenar, recuperar e difundir a informação para os usuários de unidades, serviços e sistemas de informação; Planejar, constituir e manipular redes globais de informações; Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação; Realizar perícias referentes à autenticidade, antigüidade, procedência e estado geral de materiais impressos de valor bibliográfico.

O bibliotecário deve utilizar as técnicas modernas e recorrer à prática da publicidade para difundir a importância da leitura e da informação a todos os usuários, bem como aplicar seu conhecimento em qualquer unidade de informação, na qual venha a desempenhar determinada atividade, sendo reconhecido como agente social.

Conforme Souza (1993, p. 19), a ação da categoria bibliotecária “(...) é integrativa e integradora da sociedade e, portanto, seus representantes, seus profissionais deverão estar prontos para uma mobilização a qualquer hora”. Ou seja, estando preparados, os bibliotecários poderão contribuir para que sua profissão seja reconhecida e valorizada pela sociedade, além de contribuir para que esta evolua e se desenvolva ainda mais.

Construir um poder bibliotecário significa, antes de tudo, compreender a realidade bibliotecária, trabalhar sobre essa realidade e definir as posições a serem tomadas para solucionar os pontos não satisfatórios. [...] O poder bibliotecário será decorrente, então, da ação da categoria [...]. Deve se dar mais fortemente em seu interior. Isto é, a partir de uma concreta ação de classe. A partir do reconhecimento e da consciência de que cada profissional bibliotecário constitui célula viva, pensante e defensora dos próprios interesses culturais, sociais, econômicos e éticos. (SOUZA, 1993, p. 22)

Portanto, é preciso que o bibliotecário tenha ações individuais e em grupo para fortalecer seu trabalho e a sua importância perante a sociedade.

3.1 O bibliotecário como mediador para acesso à informação e à produção de conhecimento

A informação é o principal instrumento de trabalho do bibliotecário e é fator fundamental para a sociedade, pois auxilia na produção do conhecimento e proporciona avanços, como, por exemplo, nas áreas científicas.

Conforme Freire, (2001, p. 7),

[...] a comunicação da informação representa não somente a circulação de mensagens que contêm conhecimento com determinado valor para a produção de bens e serviços, mas, também, a objetivação das idéias de racionalização e eficiência dominantes na sociedade moderna.

A busca pelo saber é percebida desde o surgimento da escrita. Le Coadic (2004, p. 39) afirma que o que leva uma pessoa a procurar informação é “[...] a existência de um problema a se resolver, de um objetivo a atingir e a constatação de um estado anômalo de conhecimento, insuficiente ou inadequado”. Ou seja, as pessoas buscam informação para formar conhecimento e aplicá-lo em suas atividades cotidianas, seja na vida pessoal, seja na profissão ou mesmo por satisfação pessoal - a satisfação obtida por meio do saber.

A produção do conhecimento cresceu imensuravelmente com a evolução da ciência. A globalização, as transformações tecnológicas e a multiplicação das tecnologias da informação desencadearam no que denominamos de Sociedade da Informação (SI). Essa sociedade proporciona um amplo leque de oportunidades para a construção do conhecimento, devido à imensa gama de informações geradas e distribuídas mundialmente. Com a consequente transmissão desses aprendizados, os suportes informacionais estão materializados em vários formatos que, por sua vez, carecem de uma organização estruturada, a fim de que seu acesso e uso se dê de modo ágil.

O uso da informação proporciona a inclusão do homem no sistema das relações sociais. Permite a interação humana não somente na produção de bens materiais e culturais, mas também, na vida social. (CARVALHO, 1991, p. 1.172)

Milanesi (2013, p. 88) reforça esse princípio quando afirma que, “Para um profissional, seja de que ramo for, conhecer mais significa estar mais apto a dominar áreas e obter vantagens em relação aos que não receberam a informação”.

Em resumo, informação é insumo básico para o bom exercício de qualquer atividade, sendo que, quem detém mais informação e diversifica suas fontes de aprendizado, alia

maior leque de competências e aptidões em sua prática profissional que outros da mesma área, ou mesmo de áreas correlatas, a depender do caso.

Logo, a tecnologia tem um papel fundamental no que tange à recuperação e à aquisição da informação. Assim, a prática da Biblioteconomia utiliza a tecnologia para gerenciar o acesso e o uso da informação, permitindo ao profissional ter interação com diversas áreas do conhecimento.

A atividade do bibliotecário ecoa na história. Das bibliotecas medievais, onde os documentos eram velados, até os dias de hoje, com a informação acessada por meio de dispositivos móveis, esse profissional esteve à frente de grandes mudanças e conquistas, desenvolvendo mecanismos para organização dos acervos e para uma plena recuperação de informação.

Parte dessas mudanças diz respeito aos papéis de atuação que passou a desempenhar em suas atividades. De organizador de acervos e desenvolvedor de catálogos, o bibliotecário pode ser, também, mediador da informação, gestor e educador.

A mediação da informação permite a relação entre dois pontos que, de alguma forma, estão impedidos de interagir por obstáculos e empecilhos. De acordo com Almeida Júnior, conceitua mediação como:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (2009, p. 92)

Como agente educacional, pode proporcionar aos usuários o despertar de uma consciência crítica sobre si mesmos e sobre a comunidade em que vivem, além de propiciar reflexões críticas e uma construção mais sólida de ideias através da leitura. A contribuição à formação intelectual do usuário, por meio do hábito da leitura e do incentivo à cultura também são ações de construção do conhecimento.

Na sociedade da informação e do conhecimento a disseminação da informação se preocupa com o usuário e suas necessidades para a geração de novos conhecimentos, a fim de melhor entender e explicar a gestão nos sistemas e unidades de informação, através das buscas nas bases de dados no entendimento global da organização. (OLIVEIRA, 2000, p. 28)

O bibliotecário, além de desempenhar os processos técnicos da Biblioteconomia, pode proporcionar diferentes experiências no que tange à formação do indivíduo. Nas unidades informacionais onde atua, o bibliotecário pode trabalhar constantemente para melhorar os

aspectos educacionais e sociais da sociedade, e, por esse motivo, deve ser consciente de que é um agente de mudanças, tendo, assim, o poder de modificar e estimular, no usuário, a busca pelo conhecimento, propiciando benefícios para o seu desenvolvimento e, como resultado, a promoção de bem-estar na sociedade na qual está inserido.

Em outras palavras, esse profissional exerce funções de agente de transformação, uma vez que se dedica a produtos e serviços destinados à gestão, acesso e oferta da informação, sendo capaz de auxiliar e intervir na construção do conhecimento.

Nossa missão como bibliotecários, é facilitar aos indivíduos o acesso à informação e possibilitar, desta forma, o desejo de aprender, discutir, enfim, a formação do conhecimento ou o conhecimento em formação. Desta forma, nossa missão como agentes de transformação social é plenamente realizada. (CUNHA, 2003, p. 46)

Assim, cabe ao bibliotecário disseminar a informação em sua comunidade, reforçando a democratização para acesso a ela. Nesse contexto, o bibliotecário é, portanto, responsável pela organização, disseminação, mediação, recuperação e acesso à informação. É o profissional destinado a corresponder às necessidades informacionais da sociedade, promovendo o hábito da leitura e contribuindo, assim, com a formação intelectual do leitor, além de incentivar a cultura, contribuindo para o processo de construção do conhecimento dos indivíduos. Porém, é preciso que esse profissional esteja em contato com os usuários para que a socialização e a democratização da informação sejam realizadas de forma plena.

O prioritário é democratizar a informação, o primordial é possibilitar de todas as maneiras, condições para o acesso da comunidade à informação, permitindo principalmente que ela possa também gerar e produzir, não só informação, mas cultura, veiculando seus interesses, suas idéias, suas propostas, suas soluções. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 23)

A biblioteca, como agente de transformação sócio-cultural-política, “[...] necessita sair de suas próprias paredes, vender propostas, integrar grupos estruturados na comunidade, ser ousada no conteúdo e na forma de sua programação de apoio cultural-científico e técnico” (SOUZA, 1993, p. 41). Desse modo, ela se torna visível à sua comunidade, mas, para que isso ocorra, é preciso que haja um envolvimento mútuo, entre a comunidade e o bibliotecário.

A biblioteca e o bibliotecário são capazes de “praticar ações que sejam suficientes para dar nova forma às condições dantes praticadas, ou que sejam capazes de tornar diferentes ações que vinham sendo desenvolvidas” (SOUZA, 1993, p. 25). Ou seja, ambos devem atuar com o objetivo de gerar conhecimentos, criando oportunidades e mostrando direções para que os usuários sejam preparados para frutificar novas contribuições científicas para a sociedade.

Também devem objetivar e priorizar uma boa interação com usuários, aproximando-os e possibilitando que expressem opiniões e ideias que possam aprimorar a recepção e o serviço. Por outro lado, é preciso que o usuário esteja disposto a buscar, contribuir e interagir com o profissional da informação.

Diante do que foi exposto, é preciso que haja interação entre os que buscam e os que disponibilizam informação. Ao bibliotecário cabe aplicar seu conhecimento, sendo capaz de utilizar sua criatividade para disseminar o produto de seu trabalho - a informação -, atraindo, assim, os usuários e fazendo com que a sociedade tenha conhecimento sobre sua atuação e reconheça sua importância. Dessa maneira, poderá assessorar e contribuir com a evolução e o desenvolvimento dos usuários e, conseqüentemente, da sociedade.

4 RELAÇÃO DISCENTE-BIBLIOTECÁRIO: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA E RESULTADOS

Para a realização deste trabalho, quanto à sua natureza, utilizamos a abordagem qualitativa, através da pesquisa aplicada, que conforme, Gil (2008 p. 94), ocorre quando “[...] o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo [...]”, ou seja, objetiva gerar conhecimentos para uma aplicação prática e dirigidos à solução de problemas. A partir de leituras, buscamos selecionar uma amostra para a pesquisa, visando encontrar respostas para questões apresentadas, buscando, assim, compreender de que modo o bibliotecário é visto em um de seus campos de atuação.

Na busca por familiaridade com o problema, aplicamos o levantamento bibliográfico que, de acordo com Gil (2008, p. 50), “[...] é desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”, sendo estes utilizados por disponibilidade em bibliotecas ou pela internet, com foco na biblioteca e na atuação do bibliotecário. A pesquisa teve cunho exploratório, pois foi desenvolvida “[...] com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (p. 27). Desse modo, podemos entender a posição dos sujeitos em relação ao bibliotecário.

Desde o início da pesquisa, o instrumento de coleta selecionado foi o questionário (Apêndice A), que é compreendido como “uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 33). A aplicação da enquête busca uma melhor compreensão em relação aos conhecimentos dos sujeitos sobre a atuação do bibliotecário, obtendo assim uma coleta de dados mais precisa. Para tanto foram utilizadas perguntas breves, contendo onze questões, sendo nove delas objetivas e duas subjetivas. Com isso, será realizado uma análise de conteúdo, onde será pretendido compreender

Foi tomado como universo os estudantes de sexto semestre dos cursos de Jornalismo, História e Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), por dois motivos: o tipo de público e a dimensão da biblioteca universitária.

A biblioteca universitária possui acervo muito amplo, oferecendo grande variedade de títulos pertencentes a várias áreas do conhecimento. Além disso, por estar inserida em uma universidade pública, tem como público-alvo não só os estudantes de graduação e pós-graduação, mas também professores e a comunidade interessada.

Quanto à escolha do público, entendemos que o estudante de graduação configura o perfil de um usuário esclarecido e, portanto, minimamente consciente sobre os recursos que uma biblioteca pode oferecer a sua formação. Limitamo-nos, ainda, a estudar os discentes pertencentes ao sexto semestre, por acreditarmos que melhor conheçam os serviços disponibilizados pela universidade. A escolha também foi influenciada pelo pensamento de que esse público, por estar mais próximo de concluir a graduação, buscaria auxílio do bibliotecário.

A combinação desses dois elementos pode nos indicar uma compreensão mais precisa sobre o conhecimento ou o desconhecimento quanto à profissão do bibliotecário.

Escolhida a universidade (UFC), selecionamos um público específico - alunos de sexto semestre -, por entender que, nesse período, os estudantes já obtiveram amadurecimento de leitura e pesquisa, tendo tido contato com a biblioteca universitária e, portanto, construído parâmetros próprios para se referir ao profissional.

Delimitamos a pesquisa a três cursos: (1) Jornalismo; (2) História e (3) Pedagogia. Esses cursos foram escolhidos pelos seguintes critérios:

- Jornalismo, por lidarem com fatos e propagá-los para a sociedade;
- História, por disseminar acontecimentos antigos e atuais;
- Pedagogia, por tratar-se de profissionais que buscam letrar cidadãos, além de difundir e mediar a leitura.

Outro fator determinante para essas escolhas se deu pelo fato de os cursos pertencerem ao Centro de Humanidades da UFC, estando fisicamente próximos ao curso de Biblioteconomia, além de, em tese, possuírem afinidade com a Ciência da Informação (CI), uma vez que também disseminam a informação e auxiliam na construção do conhecimento.

O tema da pesquisa foi escolhido durante a disciplina de Metodologia da pesquisa, onde passei a observar mais a visão das pessoas sobre o bibliotecário, principalmente pelos cursos próximos do bloco da Biblioteconomia, alguns tornando-se, assim, sujeitos escolhidos para esta pesquisa.

Inicialmente, foi pensado em realizar, por parte da pesquisadora, uma exploração com todos os alunos pertencentes ao Centro de Humanidades da UFC. Porém, a dificuldade de aplicação, a quantidade de respostas e o período de tempo para análise foram fatores que impactaram na decisão sobre os sujeitos da pesquisa. Em vista disso, a fim de restringir o *corpus* da pesquisa, foram selecionados três cursos para aplicação da pesquisa, facilitando uma melhor coleta e análise de dados.

Conforme mencionado anteriormente, a escolha dos cursos de Jornalismo, História e Pedagogia deu-se devido aos profissionais dessas áreas do conhecimento lidarem com informação, disseminando-a, conforme atuação de suas respectivas áreas, ao cidadão.

O questionário foi elaborado e aplicado por meio eletrônico, pela plataforma *Google forms*. Uma vez que o *link* ficou disponível, entramos em contato com as coordenações dos cursos para solicitar *e-mail* dos discentes de cada curso. Por se tratar de informação pessoal, as coordenações informaram que não poderiam fornecer esse dado. A orientação foi de que fosse enviado por *e-mail* o *link* da enquete, deixando por responsabilidade deles a disponibilização da pesquisa aos discentes.

Os coordenadores dos cursos de História e Pedagogia informaram que iriam disseminar o *link*, mas com a advertência de que os alunos não gostavam de responder questionário. O curso de Jornalismo pediu auxílio de um professor para enviar o *link* da pesquisa para os alunos regularmente matriculados no sexto semestre, mostrando, assim, interesse em colaborar com a pesquisa.

Também divulgamos pela rede social *Facebook*, mais precisamente no grupo dos cursos. Pedimos permissão aos moderadores de cada grupo e, dessa forma, disponibilizamos o *link* da enquete para que fosse amplamente divulgado e respondido.

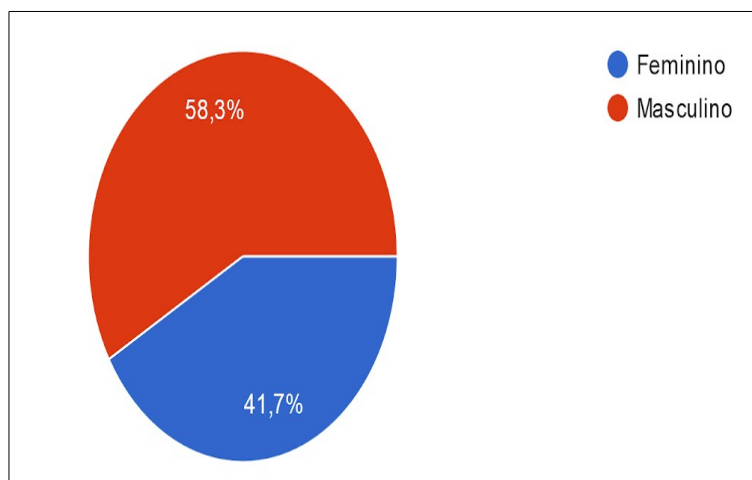
Conforme dados coletados com as coordenações dos respectivos cursos, a quantidade de discentes matriculados no sexto semestre são: Jornalismo, 25; curso de História, 35; e no curso de Pedagogia, 68. Porém, as coordenações informaram que esses números podem ser divergentes, uma vez que não sabiam assegurar se todos estes estudantes são regulares no sexto semestre.

4.1 Os resultados obtidos

O formulário da pesquisa ficou disponível do início do mês de abril até o dia quinze do mês de junho de 2019. Dos sujeitos aptos a responderem o questionário, apenas doze se dispuseram a colaborar com a investigação. Desses, sete foram do curso de História, três do curso de Jornalismo e dois do curso de Pedagogia.

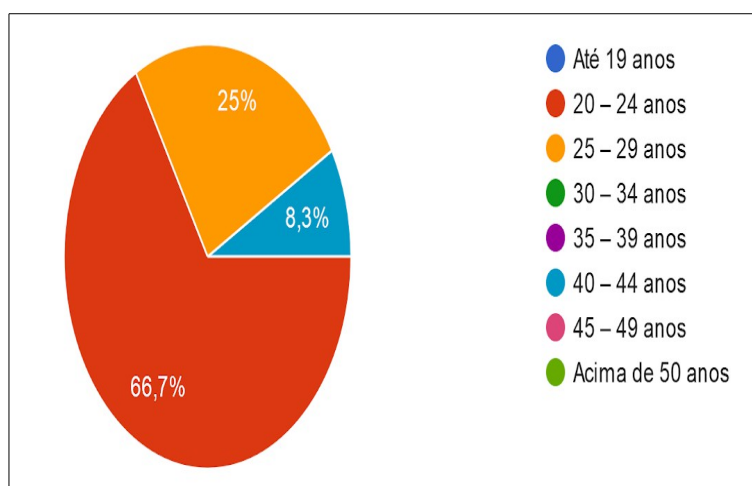
Dos participantes, 50% foram homens e, 66,7% tinham faixa etária entre 20 e 24 anos, conforme podem ser vistos nos gráficos a seguir.

Gráfico 1 – Apresenta o gênero dos participantes da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2 – Demonstrativo da faixa etária dos entrevistados.

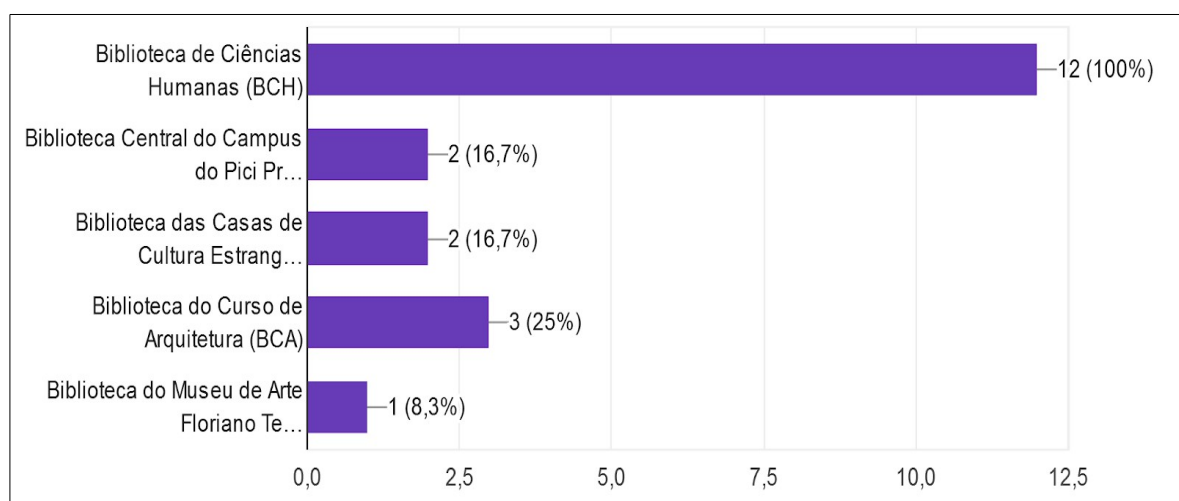


Fonte: Elaborado pela autora.

Todos afirmaram utilizar a rede de bibliotecas da UFC. A maioria informou que faz uso com maior frequência da Biblioteca de Ciências Humanas (BCH), o que nos indica que a escolha da biblioteca se dá pela proximidade com os cursos, bem como pela afinidade de acervo, que é desenvolvido com foco nos cursos a que atende.

Das nove bibliotecas que compõem o sistema da UFC, quatro não foram utilizadas por nenhum dos entrevistados, conforme resposta ao questionário. São elas: Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (BFEAAC), Biblioteca da Faculdade de Direito (BFD), Biblioteca de Ciências da Saúde (BCS) e Biblioteca do Instituto de Ciências do Mar Dr. Rui Simões de Menezes (BICM). A seguir, será apresentado o diagrama que demonstra quais das bibliotecas pertencentes à UFC foram mais utilizadas.

Gráfico 3 – Uso das bibliotecas pertencentes à UFC pelos interrogados.

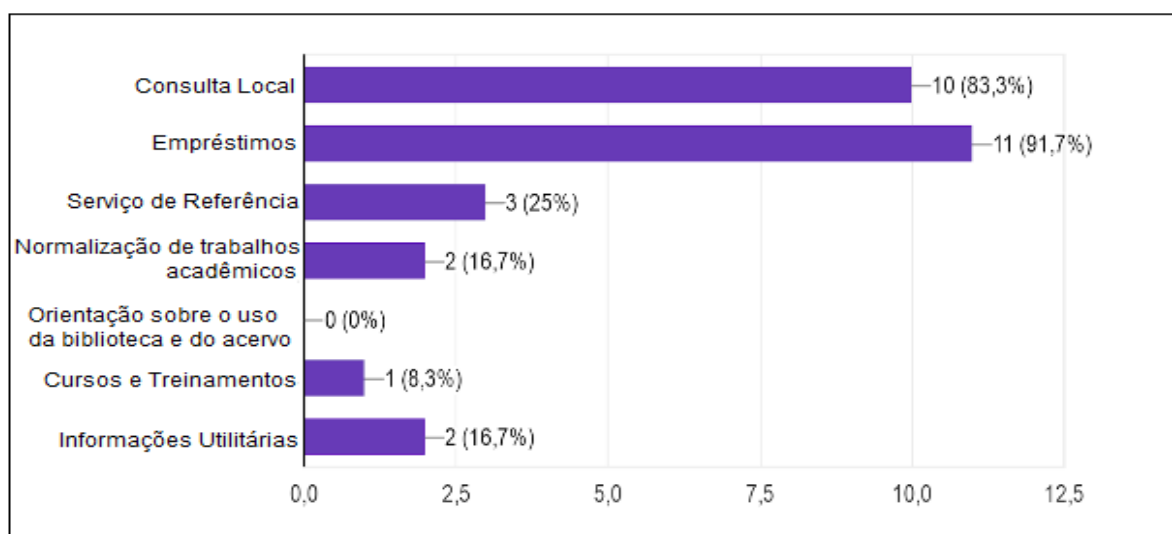


Fonte: Elaborado pela autora.

Foi questionado se os entrevistados fizeram ou fazem uso de bibliotecas externas, ou seja, que não pertencem à UFC. Em resposta, 50% dos entrevistados informaram que sim. Observando as respostas obtidas, dos 50% que informaram não fazer uso de bibliotecas externas, o discente A anunciou que não o faz porque: “[...] atualmente, é mais fácil conseguir livros pela internet”.

Dos serviços ofertados pelas bibliotecas pertencentes à UFC, a maioria afirma fazer maior uso do empréstimo (91,7%) e da consulta local (83,3%). Um dado que chamou atenção foi que, dos doze participantes da pesquisa, nenhum informou ter recebido orientações sobre o uso da biblioteca e do acervo. O gráfico a seguir explana melhor tais dados.

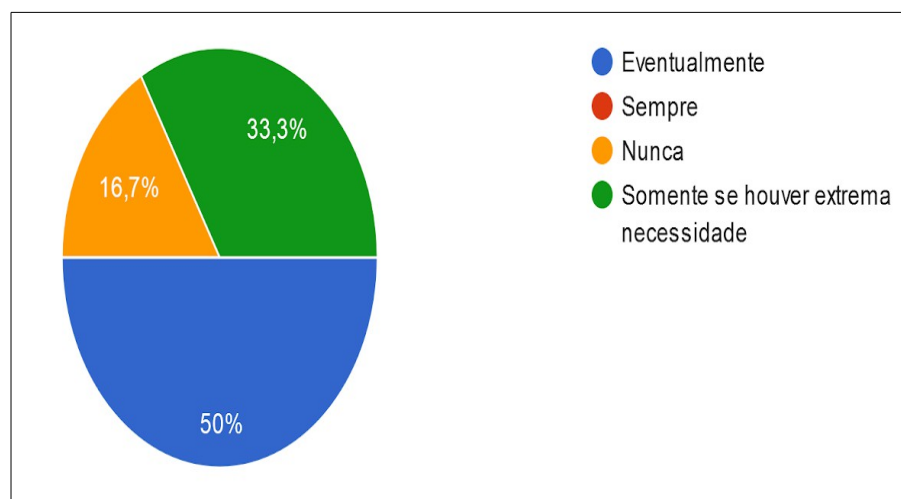
Gráfico 4 – Serviços utilizados pelos participantes na rede de bibliotecas da UFC.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre as atividades desenvolvidas pelo bibliotecário, 50% dos interrogados afirmam que conhecem sua atuação. Este mesmo percentual afirma que eventualmente demanda auxílio do profissional. Um dado preocupante foi que 16,7% dos entrevistados afirmam nunca ter buscado contribuição do bibliotecário.

Gráfico 5 – Solicitação por parte dos discentes pelo auxílio do bibliotecário.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando solicitada a avaliação dos entrevistados a respeito do atendimento realizado pelo bibliotecário, alguns deles responderam: Discente A: “Geralmente é satisfatório”; Discente B: “Sempre cordiais e ajudam sempre”; Discente C: “Por vezes bastante indisponível”; Discente D: “Não sei como responder a esta pergunta porque não me lembro de alguma situação em que precisei de serviços efetivamente exercidos por bibliotecários. Tenho dificuldade em entender a profissão na UFC (...)”. As respostas dadas nos questionam se, o atendimento recebido foi mesmo oferecido pelo bibliotecário ou foi prestado pelos auxiliares administrativos que atuam nas bibliotecas?

Por fim, foi interpelado aos interrogados se eles acreditam que o auxílio dado pelo bibliotecário contribui na formação deles e a maioria dos que afirmam buscar auxílio do profissional da informação, acreditam que sim. Como resposta, alguns disseram: Discente A: “Com certeza. Como nos casos de auxiliar a encontrar livros e outras coisas”; Discente B: “Acredito que pode ser útil, na busca de fontes”; Discente C: “Sim, pois facilita a construção dos trabalhos e a experiência do bibliotecário acaba por melhorar a versão final”. Dos entrevistados que afirmaram não solicitar ajuda do bibliotecário, um deles respondeu: Discente A:

“Não procuro com frequência, então não sei como contribuíram”. Houve quem reiterasse, apenas, que não o busca, sem ao menos explicar os motivos.

Observamos com o estudo que, os discentes participantes da pesquisa utilizam pouco as bibliotecas, uma vez que, quando usufruem, usam apenas as que pertencem a rede de bibliotecas da UFC. Foi possível perceber, ainda, que os alunos recorrem mais a serviços como empréstimo e uso local, o que indica que os acadêmicos conhecem pouco o papel dos bibliotecários. Por conseguinte, apenas 50% dos educandos afirmaram eventualmente fazer uso do profissional da informação e deste percentual, somente 25% afirmam utilizar o serviço de referência, serviço este que possibilita um contato maior do usuário com o profissional da informação. Ficando, assim, detectado que há pouca interação entre discente e bibliotecário.

Ou seja, os dados colhidos apontam que os estudantes de graduação desconhecem as vantagens e o potencial do bibliotecário e da biblioteca em sua formação acadêmica. Portanto, constatamos que é preciso elaborar atividades que possam divulgar e atrair os alunos do bibliotecário e, conseqüentemente, da biblioteca.

Da mesma forma, foi identificado a necessidade de se investir em pesquisas mais aprofundadas, no que tange saber como os usuários percebem o bibliotecário, possibilitando, desse modo, a identificação de pontos que precisam ser melhorados para que haja uma relação de troca entre discente e bibliotecário. Além disso, obter dados que auxiliem quanto à elaboração de técnicas para transformar o *status quo* do conhecimento sobre a profissão e o potencial do profissional da informação.

Realizando análise das respostas obtidas, podemos considerar que a percepção dos discentes sobre o papel do bibliotecário é baixa, tendo em vista que 50% afirmaram procurar eventualmente o profissional da informação e, os outros 50% anunciaram que nunca utilizaram os serviços deste profissional ou só solicitá-lo-iam se houvesse extrema necessidade. Ou seja, não há relevância do bibliotecário no que tange a construção do ensino/aprendizagem

No que diz respeito a interação entre bibliotecário/discente, esta poderia ser mais satisfatória. Com base no retorno obtido há uma lacuna sobre o que os estudantes afirmam, uma vez que suas declarações põem dúvida se estes referem-se quanto ao bibliotecário ou quanto os auxiliares de biblioteca. Assim, podemos identificar que não há uma percepção satisfatória dos alunos para com o bibliotecário.

5 CONCLUSÃO

Em virtude do que foi referido durante a elaboração deste estudo, a busca se deu em compreender a visão dos discentes da UFC, sobre os bibliotecários e o que estes sabiam sobre o profissional. Estudados os conceitos de conhecimento, universidade, professor, biblioteca, profissão, biblioteconomia e bibliotecário, buscamos identificar e compreender suas inter-relações com objetivo de apontar o papel do profissional da informação e sua contribuição para com a sociedade. Consideramos que os conceitos estudados estão bastante próximos e ligados, uma vez que a informação é a fonte de encadeamento entre eles.

Para a construção do conhecimento ficou constatada a importância da informação, principalmente após as revoluções tecnológicas. A sociedade necessita que a comunicação da informação seja dada de forma correta e eficiente, principalmente no que tange ao crescimento da produção do conhecimento. Logo, foi possível compreender que o bibliotecário pode auxiliar na formação do conhecimento ou contribuir com o conhecimento em formação.

Compete, então, ao profissional bibliotecário disseminar mais sobre sua atuação, buscando elevar a procura por seus serviços, visando atender às necessidades dos usuários e assumindo funções como agente educacional, social e cultural, promovendo, assim, a competência no uso da informação e desenvolvendo nos usuários o aprendizado e a construção crítica do conhecimento através do estímulo à leitura e do incentivo à cultura. Portanto, é necessário que este possua conhecimento e se adeque ao ambiente no qual está inserido, incorporando, dessa maneira, competências e habilidades que proporcionem a disseminação correta da informação desejada.

No que se refere aos usuários, é preciso que sejam incitados pela busca da informação, aprimorando, assim, o conhecimento adquirido, pois com isto o indivíduo oportuniza o desenvolvimento de si mesmo e, conseqüentemente, a evolução da sociedade.

Portanto, conclui-se que é preciso que haja estudos e pesquisas sobre os anseios e necessidades que os graduandos possuem, a fim de identificar mudanças e atividades a serem desenvolvidas que possibilite um maior conhecimento destes sobre o bibliotecário.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: pólis, 1997.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Mediação da informação e múltiplas linguagens**. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v. 2, n. 1, 2009.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação**. PontodeAcesso, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010.
- AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, v. 1, 2003.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. **Uma história da ciência da informação**. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). Para entender a Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2007.
- BORGES, Maria Célia; AQUINO, Orlando Fernández; PUENTES, Roberto Valdés. **Formação de professores no Brasil: história, políticas e perspectivas**. Revista HISTEDBR On-Line, v. 11, n. 42, p. 94-112, 2011. Acesso em: 12 nov. 2018.
- BOTTONI, Andrea; SARDANO, Edécio de Jesus; COSTA FILHO, Galileu Bonifácio da. **Uma breve história da Universidade no Brasil: de Dom João a Lula e os desafios atuais**. Gestão universitária: os caminhos para a excelência. Porto Alegre: Penso, p. 19-42, 2013.
- BRASIL. Constituição Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 2010.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 5.616, de 28 de dezembro de 1928**. Câmara dos Deputados. DOU - Seção 1, de 04/01/1929.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Câmara dos Deputados. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 01 out. 2016.
- CARVALHO, Kátia de. **Informação: direito do cidadão**. IN: __ CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. ANAIS... Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991, p. 1172-1179.
- CASTRO, C. A. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000.
- CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. **As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário**. Rdbci: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [s.l.], v. 1, n. 2, p.41-52, 13 dez. 2004. Universidade Estadual de Campinas.

COSTA, Maria de Fátima Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Concepções dos estudos de usuários na visão dos professores dos cursos de biblioteconomia brasileiros**. 2014. 237f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, 2014.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino superior e universidade no Brasil**. Lopes, EMT et al, v. 500, p. 151-204, 2000.

CUNHA, M. B. **O bibliotecário brasileiro na atualidade**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 5, n. 2, p. 178-194, 1976. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/2869>>. Acesso em: 01 Out. 2016.

CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. **O papel social do bibliotecário**. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s.l.], v. 8, n. 15, p.41-46, 5 nov. 2003. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

DEMO, Pedro. **Formação de professores básicos**. Em Aberto, Brasília, ano 12, n° 54, abr./jun. 1992.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Educar em Revista, v. 22, n. 28, p. 17-36, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**; coordenação e edição Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 3.ed. rev. e atual. Curitiba, PR: Positivo, 2004. 2120 p.

FIGUEIREDO, M. A. C. de; SOUZA, R. R. **Aspectos profissionais do bibliotecário**. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 12, n. 24, p. 10-31, 2º sem. 2007.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de uso e de usuários**. Brasília: IBICT, 1994.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007.

FRAGOSO, Graça Maria. **Biblioteca na escola Library in the school**. Revista ACB, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política**. São Paulo: Edusp, 1998.

FREIRE, Isa Maria. **Conhecimento e responsabilidade social: o olhar do cientista da informação**. Comunicação & Comunidade, ano VIII, n. 7, p. 32-36, 2001.

FREITAS, Luis Carlos. **Em direção a uma política para a formação de professores**. Em Aberto, Brasília, ano 12, n° 54, abr./jun. 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

GROGAN, Denis Joseph. **A prática do serviço de referência**. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2001.

HESSEN, Johannes; CORREIA, António. **Teoria do conhecimento**. Martins fontes, 1999.

LANKES, R. David. **Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo**. São Paulo: FEBAB, 2016

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo: SENAC, 2011.

MACIEL, Ana Daniele; MENDONÇA, Diana Carla. **Um novo perfil profissional: o bibliotecário como agente de transformação social**. EREBD, 2010.

MANN, John. **A revolução de Gutenberg**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Ateliê editorial, 2013.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. **Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo**. Revista ACB, v. 10, n. 2, p. 189-206, 2005.

NOBRE, Francisco Edileudo; SULZART, Silvano. **O papel social da escola**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03, pp. 103-115, Agosto de 2018.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. *Livraria Pioneira Editora em convênio com o Instituto Nacional do Livro*. Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

OLIVEIRA, Magali Araújo Damasceno de; ALVES, Márcia Valéria; MAIA, Maria Aniolly Queiroz. **A função social do profissional da informação numa biblioteca inclusiva**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB. 2013. p. 4540-4551.

OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. **A disseminação da informação na construção do conhecimento e na formação da cidadania**. *Revista do Centro Sócio-Econômico*, Belém, v. 5 n. 2, p. 121-130, jan./dez., 2000. Disponível em: <<http://dci.ibict.br/archive/00000776/01/T125.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

ORTEGA Y GASSET, José; DE LEMOS, Antônio Agenor Briquet. **Missão do bibliotecário**. Briquet de Lemos/Livros, 2006.

PIRES, Erik André de Nazaré. **O bibliotecário como agente transformador social: sua importância para o desenvolvimento da sociedade informacional através da disseminação**

da informação. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação-ISSN 2237-6658, v. 3, n. 2, 2014.

SAMBAQUY, Lidia de Queiroz. **A profissão do bibliotecário.** IBBD: Boletim Informativo, Rio de Janeiro, v.2, n.6,p.335-339, nov.dez.1956.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “moderno profissional da informação”.** Informação & Sociedade: Estudos, v. 18, n. 3, 2008.

SCHMIDT, Leonete Luzia. **A política de formação de professores no Brasil e suas implicações na prática pedagógica.** Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos, n. 1, p. 18-29, 1999.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, educação e sociedade.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.

TABOSA, Hamilton Rodrigues; AGUIAR, Terezinha Pereira. **O atual mercado de trabalho para o bibliotecário no Estado do Ceará.** Biblionline, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 84-98, 2011.

TARAPANOFF, Kira. **Perfil do profissional da informação no Brasil.** IEL, 1997.

TARTARUGA, Iván G. Peyré. **As inovações nos territórios e o papel das universidades: notas preliminares para o desenvolvimento territorial no Estado do Rio Grande do Sul.** Rio Grande do Sul, 2010.

TEIXEIRA, Cristina Barra. **O Professor como agente principal da mudança de sua prática pedagógica.** São Paulo, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará.** Fortaleza, 2013.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

A - PERFIL DO ENTREVISTADO

1 Curso de graduação:

2 Faixa Etária:

- Até 19 anos 25 – 29 anos 35 – 39 anos 45 – 49 anos
 20 – 24 anos 30 – 34 anos 40 – 44 anos Acima de 50 anos

3 Sexo:

- Feminino Masculino

4 Você frequenta alguma(s) da(s) biblioteca(s) da UFC?

- Sim
 Não

5 Se sim, qual/quais?

<input type="checkbox"/>	Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca da Faculdade de Direito (BFD)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (BFE-AAC)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca das Casas de Cultura Estrangeira (BCCE)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca de Ciências da Saúde (BCS)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca de Ciências Humanas (BCH)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca de Medicina de Sobral (BMS)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca de Pós-Graduação em Economia (BPGEC)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca de Pós-Graduação em Economia Agrícola (BPGEA)
<input type="checkbox"/>	Biblioteca de Pós-Graduação em Engenharia Prof. Expedito José de Sá Parente (BPGE)

6 Que serviços da biblioteca você costuma utilizar? (Pode indicar mais de um item)

- Consulta Local
 Cursos e Treinamentos
 Empréstimos
 Serviço de Referência
 Normalização de trabalhos acadêmicos
 Orientação sobre o uso da biblioteca e do acervo

7 Você conhece as atividades desenvolvidas pelo bibliotecário?

- Sim
 Não

8 Caso conheça, com que frequência você procura um bibliotecário?

- Nunca
- Somente se houver extrema necessidade
- Eventualmente
- Sempre

9 Você tem facilidade de solicitar atendimento a um bibliotecário?

- Sim
- Não

10 Quando você busca esse profissional, como avalia seu atendimento?

11 Você acredita que o auxílio dado pelo bibliotecário contribui para a sua formação? Poderia exemplificar?
